

## **CAPÍTULO 1 - A EXISTÊNCIA DE DEUS**

As Escrituras trabalham com algumas pressuposições básicas das quais não abrem mão:

- A de que Deus existe, que Ele é criador e que Ele é soberano.

As Escrituras não têm a preocupação de prová-las, mas simplesmente as afirmam.

Nesta parte de nosso estudo trataremos apenas da primeira delas, que é a mais importante para os nossos propósitos aqui.

A primeira grande pressuposição das Escrituras e da teologia cristã é que Deus existe.

A Bíblia foi escrita com a perspectiva de que Deus existe e que Ele é vivo e ativo no mundo que criou.

Esta perspectiva combina plenamente com a ideia generalizada da consciência humana sobre a existência de uma divindade.

Não precisa haver na teologia cristã a preocupação de provar a existência de Deus, porque as próprias Escrituras não a possuem. Todavia, sempre houve na igreja, no decorrer dos séculos, a tentativa de provar a sua existência, em razão daqueles que a procuraram negar. A existência de Deus é o ponto crucial de toda manifestação religiosa. Se não existe a noção da existência da divindade, não há a noção de religião, de culto e de relacionamento com ela. Toda manifestação religiosa seria destituída de significado se não houvesse a noção da existência da divindade.

As manifestações religiosas sempre aparecem como produto das ideias que os homens têm da divindade e como resultado do impacto que a revelação da natureza lhes causa. Como existe o pecado no mais íntimo dos seres humanos, as ideias que se têm da divindade não refletem exatamente como é o verdadeiro Deus. É por isso que as ideias sobre Deus são tão diferentes nas várias religiões existentes no mundo. As noções sobre o ser divino são produto da natureza religiosa do homem, sem que este pense necessariamente na adoração ao Deus verdadeiro. Contudo, ao contrário de todas as outras religiões não monoteístas, o cristianismo fala da existência de um Deus que se revela, dando-se a conhecer aos seres humanos.

Na verdade, não podemos provar a existência de Deus, apenas crer na sua revelação. Deus não pode ser detectado pela experiência laboratorial, nem por qualquer outro tipo de demonstração científica.

Deus não é passível de verificação. Admite e tem convicção da sua existência aquele que nele crê.

A teologia cristã crê naquilo que o próprio Deus informa acerca de si mesmo. É por isso que, em nossa vida, todas as coisas relacionadas com Deus têm que ser pela fé.

**Hebreus 11:6 De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.**

Um estudioso disse: O intento de provar a existência de Deus pode ter um resultado inútil ou desnecessário. Inútil, se se procura forçar uma pessoa que não tem fé, acreditar, fazendo com que através de argumentos, chegue ao convencimento no sentido lógico e desnecessário se o investigador crê que Deus é galardoador dos que o buscam.

Embora a existência de Deus não possa ser demonstrada científica e logicamente para produzir fé nas pessoas, não se pode dizer que o cristão crê cegamente, isto é, sem alguma evidência da fonte de informação que, para ele, é confiável. Esta é outra matéria de fé.

Parte-se da pressuposição de que as Escrituras são fonte de autoridade, a Palavra de Deus.

Este capítulo trata da afirmação da existência de Deus em três partes:

- 1) A afirmação da existência de Deus nas Escrituras;
- 2) A afirmação da existência de Deus na constituição da natureza humana;
- 3) A afirmação da existência de Deus nos argumentos racionais.

Em seguida, irá tratar da negação da existência de Deus entre os ateus teóricos e práticos.

### **A. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS ESCRITURAS**

Como já foi observado, as Escrituras não se propõem a provar a existência de Deus. Aliás, a existência de Deus não pode ser provada como se prova alguma coisa laboratorialmente, através da observação das experiências. A sua grande pressuposição é a de que Deus existe. Assim começam as Escrituras:

**Gênesis 1:1 No princípio criou Deus os céus e a terra.**

A Bíblia foi escrita por pessoas que criam inquestionavelmente na existência de Deus. Todavia, elas fizeram questão de mostrar que Deus se revela. A revelação que Deus fez de si mesmo tornou-se o fundamento de tudo aquilo que cremos a respeito dele e é a base para a formulação da teologia cristã.

Não há nada tão evidente nas Escrituras quanto a existência de Deus. Nas Escrituras isso é um fato consumado, simplesmente porque elas iniciam com a afirmação categórica da existência de Deus.

Em nenhum lugar das mesmas há qualquer sugestão em contrário. Qual é a razão disso?

A razão é a abundante evidência acerca da existência de Deus encontrada no próprio universo:

**Salmos 19:1 Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.**

As Escrituras também acentuam a existência de Deus ao mostrarem que os homens têm o dever de crer em Deus da forma como ele se revela. A fé é requerida do ser humano para que ele se aproxime de Deus.

**Hebreus 11:6 De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.**

A evidência bíblica mais forte da existência de Deus vem através de Jesus Cristo.

Ele afirma de maneira categórica quem é Deus. Aliás, a sua missão principal foi revelar o Seu Pai celestial. O Filho unigênito é o revelador supremo de Deus. Ele é a expressão exata do Ser divino. Negar a existência de Deus é repudiar o Cristo revelado nas Santas Escrituras. Infelizmente, é exatamente isso o que muitos têm feito.

**I João 2:23 Odo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai.**

Essa afirmação de João é absolutamente verdadeira.

Além da evidência trazida por Jesus Cristo, existe a grande evidência proporcionada pelo Espírito Santo. Pessoalmente, ele comunica ao nosso espírito que somos filhos de Deus.

**Romanos 8:16 O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.**

A função do Espírito Santo é trazer-nos convicção, não somente da existência de Deus, mas de que lhe pertencemos por direito de filiação.

**B. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO**

Existe uma ideia generalizada na humanidade a respeito da existência da Divindade, de um Ser superior do qual nenhum dos seres humanos pode escapar devido ao modo como o Criador os fez. Essas ideias são chamadas em teologia de "ideias inatas", porque todos os seres humanos nascem com elas.

**1. IDEIAS INATAS SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS**

A ideia da Divindade é praticamente uma crença de toda a raça humana no seu estado natural. Todos os seres humanos que vêm ao mundo nascem com a ideia de um Ser superior, mesmo que não saibam formular corretamente conceitos sobre ele. Há certas coisas sobre a Divindade implantadas na alma dos homens que são comuns a todas as raças, por mais distantes e isoladas que estejam umas das outras e daquilo que chamamos de "civilização cristã", ou "mundo ocidental".

Quando Deus criou o homem, este ficou com a imagem de Deus estampada em si.

Até mesmo a queda do Éden não destruiu completamente as coisas que Deus colocou no coração dos seres humanos, pois as suas leis morais básicas estão implantadas dentro deles, e serão julgados por elas, segundo o ensinamento das Santas Escrituras.

**Romanos 2:11-16 Porque para com Deus não há aceção de pessoas. Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados. Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.**

A perspectiva da existência de Deus pode ser ilustrada pela referência à criação do homem.

**Gênesis 2:7-8 Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado.**

Esses dois versos nos dizem algo muito importante a respeito da experiência humana com Deus. O primeiro homem, Adão, teve uma consciência absolutamente clara da existência de Deus, porque este se lhe revelou proposicionalmente, isto é, em palavras, conversando com ele no lugar onde fora criado e colocado.

Desde o começo de sua existência, Adão possuía uma consciência de Deus. Esta era inescapável em Adão, por causa da constituição da sua natureza.

Ele não podia fugir da presença de Deus nem relacionar-se no Éden sem a forte noção da presença divina.

Mesmo depois da queda, a ideia da consciência de Deus não desapareceu do ser humano.

Com a queda houve a quebra do relacionamento espiritual.

O homem ficou separado de Deus, morto espiritualmente, mas a consciência divina permaneceu dentro dele.

Há duas expressões a respeito da ideia de Deus que até os pagãos possuem. Essas ideias inatas, são atribuídas ao homem, coisas que mesmo a Queda não destruiu porque Deus as plantou nos nossos corações:

Semen religionis e sensus divinitatis.

#### a. "SEMEN RELIGIONIS"

A semente da religião foi plantada no coração do homem quando Deus o criou.

Nenhum homem é ateu por natureza. Nenhum homem vem ao mundo sem essa semente da religião.

Todos têm uma religião natural como resultado da ideia inata de Deus.

Mas essa religião não é suficiente para as necessidades do homem no estado de pecado em que se encontra.

Nesse tipo de religião o homem tem medo, porque só conhece a justiça de Deus.

Ele não tem noção alguma de sua misericórdia. Daí a noção de oferecer sacrifícios, em todas as religiões de povos primitivos, para aplacar a ira dos deuses.

A religião natural inspira medo, não esperança e confiança.

A religião natural mostra que há um Deus com atributos como poder, divindade, justiça, como é ensinado em Romanos 1. Esses são atributos que Deus manifesta na natureza, mas a sua misericórdia, amor, graça, etc., são expressões da sua vontade e Ele as manifesta quando quer. Embora esses atributos sejam parte da essência de Deus, a sua manifestação depende do exercício da sua vontade.

Isto não faz parte das ideias inatas de Deus que a religião natural traz.

#### b. "SENSUS DIVINATIS"

A semente da religião existe porque o ser humano nasce com o senso de que existe um Ser divino por detrás de tudo o que ele vê e sente. A ideia de Deus está plantada na alma humana, mesmo que, por causa da perversão do coração humano, não haja um relacionamento de harmonia com o Deus verdadeiro.

Essa consciência de divindade foi implantada por Deus em todos os homens para evitar que alguém, se refugie numa pretensa ignorância. Os homens de juízo sadio sempre estarão certos de que o senso de divindade, que jamais pode ser apagado, está gravado na mente de todos os homens.

O texto de Atos 17, no episódio do Areópago de Atenas, mostra que todos os homens, sem terem a luz da revelação especial, possuem o senso de que há um Ser maior do que eles, ao qual adoram, mesmo que essa semente da religião e o senso de divindade sejam prejudicados devido aos efeitos do pecado. Por causa da corrupção do

coração, eles perderam os dados precisos a respeito de Deus, mas ainda possuem a consciência de divindade e a expressam nos cultos que lhe prestam, mesmo sem conhecê-lo devidamente. (O deus desconhecido)

**Romanos 1:18-22 A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.**

Esse texto mostra o *semen religionis* e o *sensus divinitatis* de maneira inequívoca. Nele, Paulo afirma claramente que o homem **detém a verdade pela injustiça**. Os homens caídos são culpados por deterem a verdade. O que Paulo quis dizer com isso? Ele está afirmando que a verdade suprimida é o conhecimento de Deus que lhes foi manifesto (v. 19). Deus se lhes revelou, mas eles não quiseram a verdade de Deus, preferindo a injustiça (ou a mentira) deles próprios. É esse conhecimento de Deus que o homem suprime.

Esse conhecimento de Deus, que é a consciência de sua existência, o homem procura negar.

Deter a verdade, dá a ideia de que o homem possui alguma coisa, mas algo o leva a lutar contra o que é natural nele - o conhecimento de Deus. A depravação humana conduz o homem à supressão daquilo que é próprio dele: a consciência da existência de Deus, que o leva a ser um ser religioso. Por mais que o homem lute, esse conhecimento de Deus não pode ser apagado. Essa noção da existência de Deus é inescapável nele. Todavia, o homem é condenado porque tenta negar o que não pode ser negado: a existência de Deus. A corrupção do seu coração o leva a inverter a ordem das coisas, mas não apaga nele a consciência de divindade e a semente da religião.

O homem não pode escapar da consciência de Deus.

Ele só suprime o conhecimento verdadeiro de Deus, mas não foge da consciência de Deus.

Todos os homens vivem num ambiente que revela a existência de Deus, e não podem escapar dessa presença de Deus que lhes impacta o ser. Eles podem até suprimir o conhecimento verdadeiro de Deus e podem batalhar contra a ideia do Deus verdadeiro, mas não podem fugir da consciência da sua existência.

Portanto, com o estudo do *semen religionis* e do *sensus divinitatis*, não é difícil entender por que há certas ideias inatas a respeito da Divindade. Elas são naturais num ser criado. Por definição, um ser criado não pode funcionar como se não fora criado.

Portanto, a existência de Deus, mesmo que não possamos prová-la, deve ser pressuposta e assumida.

Essa ideia inata da existência de Deus é o resultado da constituição da natureza humana, daquilo que Deus nela plantou. Essa ideia é inata como inatas são as ideias de espaço e tempo na mente humana.

A intensidade dessa ideia varia de acordo com as raças e civilizações, mas são ideias universais.

Os atributos invisíveis de Deus, que não podem ser percebidos pelos sentidos humanos, são claramente vistos pela mente humana na revelação da natureza.

O ensino de Paulo a respeito da ideia inata de Deus é confirmado e ilustrado no pensamento monoteísta de filósofos pagãos:

O monoteísmo dos pagãos prova o ensino sobre as ideias inatas a respeito de Deus.

Mesmo depois da queda o monoteísmo não desapareceu da religião humana. O monoteísmo não é propriedade exclusiva da religião revelada, que é o judaísmo e o cristianismo. Ela existe mesmo entre pagãos. Portanto, a existência do monoteísmo na alma dos homens ainda é uma evidência de que há ideias inatas sobre Deus.

**b.1. Os Pagãos mais Antigos Demonstraram um Monoteísmo** Muitos dos filósofos pagãos foram "teístas", monoteístas e reconheceram apenas um Ser supremo. A multiplicidade de deuses em muitas culturas não denota a crença em divindades auto-existentes, mas todas elas, como divindades inferiores, foram criadas por um deus maior e mais poderoso. A palavra .. deuses" muitas vezes foi empregada pelos pagãos da mesma forma como é usada na Bíblia (Jo 10.34), denotando anjos, príncipes e autoridades humanas .

O monoteísmo é a religião original de todos os homens. O politeísmo, como veremos adiante, é uma corruptela do panteísmo. A natureza do homem reclama a existência de um único Deus. Apenas a pecaminosidade voluntária faz o ser humano sair dessa condição de monoteísta, um posicionamento contra o qual ele, do modo como Deus o fez, luta freneticamente. Calvino disse:

O nome de um Deus Supremo tem sido universalmente reconhecido e celebrado. Porque aqueles que costumavam adorar uma multidão de deuses, onde quer que falassem de acordo com o sentido genuíno da natureza, usaram simplesmente o nome de Deus no número singular, como se estivessem contendendo com o próprio Deus."

Sem citar o nome, mas referindo-se claramente a Cícero (106 a.C.-43 a.e.), diz Calvino:

Institutos, 1.1 O.

34

O SER DE DEUS E os SEUs Anusuros

Todavia não há, como diz o eminente pagão, nenhuma nação tão bárbara, nenhum povo tão selvagem, que não tenha uma convicção profunda de que há um Deus. E eles, que em outros aspectos da vida parecem ao menos diferir dos animais, ainda continuam retendo alguma semente de religião."

Em sua obra De Legibus, I, 8, Cícero escreveu:

Não há nenhum animal, exceto o homem, que tenha qualquer noção de Deus; e entre os homens não há nenhuma tribo tão selvagem que, mesmo que não conheça que espécie de Deus deve ter, não saiba que deve ter um."

Os apologistas cristãos dos primeiros séculos, Tertuliano e Clemente de Alexandria, sustentaram universalmente a posição de que a mente humana é naturalmente e por criação monoteísta.

b.2. O Monoteísmo Natural dos Pagãos É Provado por Dados Bíblicos Além dos hebreus, outros povos mencionados na Bíblia dão claros indícios de seu monoteísmo. Os exemplos estão e1:1 Hagar, que era egípcia (Gn 16. 1-13), e o rei filisteu (Gn 20.3-8), e em Faraó, rei do Egito (Gn 41.38).

A ideia de Deus não é exatamente a mesma em duas culturas ou em duas pessoas distintas de uma mesma nação. Todavia, a sua constituição mental é a mesma. Um homem tem um senso da justiça de Deus mais marcante do que outro, enquanto o outro pode ter uma ideia maior do poder de Deus, ou de sua sabedoria. Depende com que olhos ele observa os fenômenos da criação que estão ao seu redor.

É importante observar que a apostasia e o ateísmo são uma tentativa de esconder essa ideia inata de Deus. A condição embrutecida do mundo idólatra não contradiz a existência da ideia inata de Deus. A ideia fundamental existente na mente humana pode não ser desenvolvida, ou pode ser viciada pelo pecado, mas ela ainda existe no homem, mesmo depois da queda.

O politeísmo e o panteísmo foram formas subsequentes. Segundo as Escrituras, o homem foi criado monoteísta. Seu primeiro estado foi o seu melhor estado: ele um estado mais elevado para um mais baixo no que diz respeito ao caráter e ao conhecimento.

O primeiro estágio da corrupção do monoteísmo primitivo é o panteísmo.

----- "K- - .

Aqui a unidade de Deus permanece, mas a diferença entre ele e o universo criada

do é negada, porque o panteísmo crê que o universo é uma extensão de Deus. O

22 Institutus, 1.3. I (itálico acrescentado).

-' Citado por W. G. T. Shedd, Dogmatic Theology (Grand Rapids: Zondervan, 1971 ). vol. 1, 200 (ver Atos 17 24-28).

## A EXISTENCIA DE DEUS

35

fato de que a unidade de Deus é preservada prova que esta ideia é natural à mente humana. Nesse estágio o sol, a lua e as estrelas passaram a ser adorados como uma extensão da divindade. Tudo era Deus. Esse foi o primeiro estágio.

Q segundo estágio do monoteísmo primitivo é o politeísmo.

Nesse caso, a unidade ou a substância única do panteísmo é subdividida, e as subdivisões são personificadas. A personalidade de Deus perdida no panteísmo é devolvida no politeísmo, só que numa multiplicidade de deuses. Nesse estágio, os homens começaram a fazer representações de Deus. Como os planetas, ou outros corpos celestes, eram visíveis somente durante a noite, eles inventaram imagens para representá-los. Isto produziu a adoração de imagens. Eles fizeram imagens de Júpiter, Saturno, Marte, Apolo, etc. Este é o estágio final, a idolatria.

## C. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NOS ARGUMENTOS RACIONAIS

Mesmo sabendo da grande pressuposição das Escrituras de que Deus existe, e sabendo também das ideias inatas de Deus na alma humana, apareceram na História da igreja aqueles que tentaram elaborar provas sobre a existência de Deus, por causa da tentativa de alguns de negá-la. Estes argumentos ficaram sendo conhecidos como "provas racionais da existência de Deus". Na verdade, esses argumentos são desnecessários, para os cristãos e também desnecessários (além de ineficazes) para os incrédulos, pois não há nenhum argumento lógico que os faça crer em Deus. Todavia, é prudente que não ignoremos esses argumentos, pois eles ainda são importantes para uma grande parcela dos cristãos.

#### Os Argumentos da Filosofia

As tentativas de provar a existência de Deus são muito antigas. As provas sobre a existência derivaram da filosofia. Em Anaxágoras, Platão, Aristóteles, Plutarco, Séneca e Cícero podemos encontrar argumentos racionais na tentativa de demonstrar a existência de Deus.<sup>24</sup> Nesse sentido, podemos dizer, inquestionavelmente, que a teologia cristã sofreu fortemente a influência do pensamento grego.

#### Os Argumentos da História da Teologia

Embora alguns pais da igreja tenham negado a possibilidade de os pagãos possuírem um conhecimento próprio de Deus pela luz da natureza, com o uso devido da razão, não sendo, portanto, possível provar a existência de Deus, com

;, Herman Bavinck, *The Doctrine of God* (Banner of Truth, 1991 ), 65.

36

#### O SER DE DEUS E os SEUS Argumentos

o passar dos séculos, esses argumentos gradualmente vieram a fazer parte da teologia cristã e passaram a possuir um caráter religioso. Já na época da patrística houve a assimilação de alguns dos argumentos.<sup>25</sup> Na Idade Média, os argumentos racionais foram incorporados à teologia cristã de maneira muito forte." Logo após a Reforma, no Escolasticismo Protestante não houve a rejeição desses argumentos lógicos, embora eles tenham se tornado menos importantes do que no tempo do escolasticismo da Idade Média. Alguns teólogos reformados vieram a usar esses argumentos lógicos para combater o ateísmo." A teologia cristã tornou-se mais e mais convencida de que as verdades acerca da religião natural podiam ser demonstradas da mesma maneira que as verdades da lógica e da matemática.<sup>28</sup> Esse raciocínio deu-se mais fortemente no tempo do Iluminismo, que atribuiu grande importância às provas racionais da existência de Deus. Todavia, pouco a pouco, já no século XIX, a força desses argumentos veio a diminuir na teologia evangélica, ao passo que permaneceu forte dentro dos círculos católicos romanos.

Esses argumentos usados por alguns cristãos são produto da observação de dados fornecidos pela revelação natural que mostram que Deus existe. Quando olhamos para o mundo ao nosso redor, para a História e para a nossa própria natureza constitucional, encontramos evidências naturais sobre a existência de Deus.

Há vários argumentos que são considerados como provas naturais da existência de Deus. De todos eles, usaremos apenas seis: Ontológico, Moral, Teleológico, Cosmológico, Consenso Universal e Estético.

Os dois primeiros argumentos, o ontológico e o moral, estão baseados na natureza da alma humana:

## 1. ARGUMENTO ONTOLÓGICO

Este argumento parte do pressuposto de que a existência real de Deus advém de sua existência necessária em nosso pensamento. Se temos a ideia dele em nossa mente, é prova de que ele existe. Foi Anselmo quem produziu a sua formulação mais clássica.<sup>29</sup>

"Diodoro de Tarso (que morreu em torno de 390) adotou o argumento cosmológico; João de Damasco (675- 749) também o usou em sua obra Exposição da Fé Ortodoxa. I, 3 (citada por Otto Weber, Foundations of Dogmatics, vol. 1. 1 [Eerdmans, 1988], 218.

"Ver Tomás de Aquino, Suma Teológica (I, II, 2 e 3, vol. 1). 17 Weber, Foundations of Dogmatics, vol. 1. I, 219.

28 Herman Bavinck, The Doctrine of God (Edimburgo: Banner of Truth, 1991 ), 65. 29 No seu Proslogion. II-IV.

;

## A EXISTÊNCIA DE DEUS

37

Os seres humanos não somente têm em sua consciência a ideia de um Deus. mas eles gostam da ideia de um Ser Supremo. Eles não se contentam com um Deus, mas tem que ser um grande Deus. A tendência de todos os seres humanos é ter um Deus maior e mais poderoso do que o dos outros povos. De onde vem a ideia de um ser supremo, poderoso, altíssimo? Segundo os defensores do argumento ontológico, a ideia de um Deus absoluto está presente inerentemente na alma humana. Certamente, essa ideia mostra que realmente existe um Deus assim. Da constituição da natureza da alma humana podemos concluir que Deus realmente existe.

Esse tipo de comportamento é comum em todas as civilizações. Essa crença num Deus maior é típica até mesmo nas civilizações mais primitivas. Mais de 90% das religiões do mundo reconhecem a existência de um ser supremo. Historicamente pode ser provado que as religiões mais antigas foram monoteístas.

Como essas ideias podem vir aos homens se não existe um Deus? Há sempre algo para satisfazer os desejos comuns da raça humana. Se quiséssemos afirmar este argumento em forma de silogismo, usaríamos as seguintes premissas:

Premissa maior

Premissa menor

Conclusão

- Uma crença intuitiva universal entre os homens deve ser verdadeira.
- A crença de que há um Deus é universal e intuitiva entre os homens.
- A crença de que há um Deus é verdadeira.

Contudo, não podemos admitir que o simples fato de as pessoas crerem universalmente que há um Deus todo-poderoso prove que ele realmente exista. A existência de Deus no pensamento das pessoas é diferente de sua existência na realidade. "A existência no pensamento e a existência em realidade são duas categorias distintas e diferentes." O fato de alguém pensar num objeto ou imaginá-lo não significa que ele exista na realidade. O fato de as pessoas crerem em alguma coisa não traz à existência essa coisa. Por exemplo, mesmo que todos os homens concebam um cavalo alado, isso não significa que ele existe. Portanto, o argumento ontológico, não importa quão lógico seja, não prova a existência de Deus. Contudo, é admirável que o homem necessariamente possua uma ideia de Deus e pense em Deus como realmente existente. Ainda assim, isso não é prova de que Deus realmente existe, pelo menos para aquele que nele não crê.

·º Bavinck, The Doctrine of Coei, 72.

38

o SER DE DEUS E os SEUS Atributos

## 2. ARGUMENTO MORAL

O argumento moral deriva da existência de um Legislador supremo, que é Deus, e do fato de haver a presença de uma lei moral no universo.

O ser humano possui uma natureza intelectual e moral que pressupõe a existência de um Criador e Legislador. Algumas pessoas dão ênfase ao fato de haver uma voz da consciência agindo em cada ser humano, da qual ninguém pode libertar-se. Essa consciência, que é a lei dos seres humanos, exige que haja um doador dessa lei. Outros colocam ênfase na capacidade que as pessoas têm de fazer distinção entre o certo e o errado, entre o pecado e a punição, e acabam concluindo que existe Alguém que dá ordem e harmonia a toda a criação, agora e no futuro. A nossa constituição moral, que nos faz saber o que é certo e o que é errado, leva-nos a entender que nenhum governo moral seria possível se não houvesse Alguém que imprimiu essas leis em nós.

A natureza constitucional do homem (ou seja, a sua mente, emoções e vontade) requer alguém superior que tenha, no mínimo, essas mesmas coisas, mas em grau maior. Esse alguém é Deus.

Embora os seres humanos possam ter a sua consciência cauterizada (1 Tm 4.2 e Tt 1.15), em alguma medida todos eles possuem essa faculdade com a capacidade de distinguir entre o certo e o errado. Até mesmo os governos mais corruptos possuem a consciência comum do que é justo, embora quase nunca procedam corretamente. De onde provém a capacidade dessa distinção? A única explicação lógica é a de que há um Governador moral do universo que criou os seres humanos com uma constituição moral.

Portanto, o argumento moral é derivado da observação dos fenômenos éticos do universo. Entretanto, há algumas observações que devem ser feitas quando analisamos o argumento moral.

Pode-se dizer aqui o mesmo que foi dito do argumento ontológico: o argumento moral para a existência de Deus não possui o valor de uma prova. Como afirma Bavinck: "Quando, entretanto, este argumento é tratado com tanto respeito por Kant e por muitos outros depois dele ... isto não é devido à sua força lógica, mas ao testemunho irresistível da consciência moral do homem". O argumento da consciência humana não tem força lógica suficiente para levar alguém a reconhecer a existência de Deus. Todavia, não se pode negar a força desse testemunho da consciência humana, o que pode levar à convicção de que haverá uma vitória moral do bem sobre o mal. De qualquer modo, mesmo con-

" [ibid .. 7:']

## A EXISTÊNCIA DE Deus

39

tra todas as objeções que possam ser levantadas pela ciência ou pelo evolucionismo, o homem sempre permanecerá um ser moral. Se isso prova a existência de Deus é algo que pode ser discutido, mas é um argumento sobremodo interessante.

Os dois argumentos seguintes, o teleológico e o cosmológico, estão baseados na natureza do universo:

### 3. ARGUMENTO TELEOLÓGICO

O argumento teleológico afirma que há um propósito no universo. Portanto, deve haver alguém que estabeleceu o propósito, que é Deus.

A palavra "teleológico" tem a ver com desígnio ou fim (telos). O universo tem um propósito. Ele não é caótico. Ele foi feito para um determinado fim, o que implica que há um designador desse fim. Se entendemos que todas as coisas existem para determinados fins, é lógico e correto pensar que existe alguém que determinou esses fins. Se esse mundo é perfeito nos seus fins e propósitos, deve haver alguém maior do que ele que o trouxe à existência. Se quiséssemos formular um silogismo para mostrar esse argumento, usaríamos as seguintes premissas corretas, para chegar a uma conclusão razoável:

Premissa maior

Premissa menor

Conclusão

- A ordem e a harmonia do universo somente podem ser explicadas quando pressupomos um arquiteto inteligente: ou uma causa maior inteligente.
- O universo como um todo e em todas as suas partes é um grande projeto que demonstra ordem e simetria.
- O mundo tem um arquiteto ou projetista inteligente que é Deus.

Esse argumento teleológico é forte porque as Escrituras nos mostram que existe um propósito em todas as coisas, sobretudo na criação.

#### 4. ARGUMENTO COSMOLÓGICO

A palavra grega kosmos significa um "arranjo ordenado". Esse argumento remonta ao tempo de Aristóteles e também é encontrado em outros escritores antigos, como Cícero, por exemplo. No tempo do escolasticismo, esse argumento foi desenvolvido por Anselmo<sup>32</sup> e por Tomás de Aquino.<sup>34</sup>

" Monologion. I-V[!.

" Suma Contra os Gentios, L xiii.

40

#### o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

Tomás de Aquino lista cinco modos dessa prova cosmológica, mas passo a citar apenas quatro delas:<sup>34</sup>

Todo ato de potência para ato (potentia para actus). Tudo que encontramos como um ato é derivado de um motor ou poder que, por sua vez, é um ato derivado de um outro poder por detrás dele. Esse pensamento leva à ideia do Primeiro Motor, que é Deus, ideia que remonta ao tempo de Aristóteles, de quem Aquino tornou muitos conceitos.

O segundo modo tem a ver com a causa eficiente: todas as coisas na realidade se voltam para uma causa, uma longa cadeia de relacionamentos entre...

Essa cadeia termina em Deus, a causa eficiente, que é a Causa Primeira. Cada efeito deve possuir uma causa adequada. A única causa adequada do universo é Deus. De onde veio o universo, senão de um Criador? Se quiséssemos afirmar esse argumento na forma de um silogismo, usaríamos as seguintes premissas:

Premissa maior

Premissa menor

Conclusão

- "Cada nova existência ou mudança em qualquer coisa previamente existente deve ter tido uma causa preexistente e adequada." Em outras palavras, cada efeito tem uma causa adequada.

- "O universo como um todo e em todas as suas partes é um sistema de mudanças." Ou seja, o mundo é um efeito.

- "O universo deve ter tido uma causa exterior a si próprio; a causa última ou absoluta deve ser externa, não-causada e imutável." Portanto, o mundo tem uma causa adequada, fora de si mesmo, que o produziu - Deus.

O terceiro modo usa a distinção entre existência necessária e possível.

Toda coisa sujeita ao processo de mudança e de decadência (isto é, nossa realidade presente) tem fundamentalmente mera existência possível: ela pode existir, mas pode também não existir. Em outras palavras,

tudo o que é meramente possível de existência, em algum ponto do tempo veio à existência. Isso quer dizer que todas as coisas que vieram a existir, porque sua existência era

"Alguns aspectos desses argumentos de Tomás de Aquino estão na obra de Weber. *Fo1111da11ons ofDogt-naucs*. vol. I. 219-20.

"Formulada por A. A. Hodge. *Outlines of Theology* (Edimburgo: Banner of Truth, 1983). 33. *Ibid.*

*Ibid.*

## A EXISTÊNCIA DE DEUS

41

mera possibilidade, não vem à existência por necessidade. Deus é a existência necessária. Todas as coisas necessárias se voltam para a existência necessária, que é Deus.

~ O\_glla\_r!9xr1\_()c:i()é totalm~n!~,Slo~i11~d? pel\_o terceiro: em todas as coisas há graus de excelência. Todas as coisas que existem num grau menor tem como causa aquilo que existe em grau maior. Em outras palavras, os homens e tudo o que existe têm a sua causa naquilo que existe mais excelentemente - Deus! O grau de excelência maior dá origem aos de excelência menor.

Basicamente, os princípios elaborados por Tomás de Aquino são os mesmos. Todos têm a ver, em última instância, com o princípio da causa e do efeito, do Primeiro Motor ou da Causa Última.

Db's . Os dois últimos argumentos têm a ver com a história: \_\_

## 5. ARGUMENTO DO CONSENSO UNIVERSAL

Este argumento deriva a existência de Deus da universalidade da religião.

Não há notícia de que tenha havido qualquer tribo no mundo, por mais remota que fosse, que não tenha tido uma religião. O fator religião está inserido na alma humana e nenhum ser humano escapa do fenômeno religioso. A religião é inescapável no ser humano. Cícero, o grande pagão admirado por Calvino, considerou este argumento de grande valor, e o estudo da religião tem fortalecido a relevância desse argumento." A. A. Hodge afirma:

A história total da raça humana revela uma ordem moral e um propósito que não podem ser explicados pela inteligência ou propósito dos agentes humanos. Estas coisas existentes revelam a unidade de um plano que inclui todas as raças em todas as épocas. Os fenômenos da vida nacional e da distribuição etnológica, do desenvolvimento e da difusão das civilizações e religiões podem ser explicados somente pela existência de um governador e educador sábio, justo e benevolente da raça humana."

Todavia, o fato de se considerar a religião como fator universal não significa que todas as pessoas possuam um conceito correto sobre Deus nem que a divindade que elas adoram seja verdadeira. Todavia, o argumento do "consenso universal" é um argumento que não pode ser desprezado, pois uma vez mais mostra o *semen religionis* e o *sensus divinitatis* presentes na alma humana, apontando para um ser superior.



43

nos, a tentativa de negar a existência de Deus, especialmente o Deus dos cristãos.

Todavia, a negação da existência de Deus não é algo originário da sociedade contemporânea, e sim uma preocupação muito antiga, como veremos adiante.

#### a. O NASCEDOURO DO ATEÍSMO

O ateísmo não veio do ser humano como Deus o fez, mas do coração pecaminoso que o homem passou a ter. Eclesiastes 8.11 diz que "o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal". É como se o veneno da Serpente tivesse sido injetado no coração dos homens, capacitando-os, assim, para todo tipo de maldade. O coração, no singular, parece indicar que a humanidade toda tem um só coração, como se agisse debaixo dos impulsos de um só coração regente. A lepra do ateísmo tem infectado toda a massa da natureza humana.

Mesmo existindo o *semen religionis* ou o *sensus divinitatis* no coração humano, pode haver disposição interior, por causa do pecado, que leva os homens a ignorarem Deus ou a negarem a sua existência. O ateísmo existe devido à perversão do coração humano. Não existe ateu de nascença, mas os homens se tornam ateus por um processo de raciocínio logicamente pernicioso. O seu desejo (que não lhes é natural, mas é produto do pecado que neles há) é escapar de Deus e viver independentemente dele. A grande luta da alma do ateu é contra a própria semente de divindade que nele foi implantada.

#### b. A UNIVERSALIDADE DO ATEÍSMO

Nenhum homem, seja judeu ou gentio, tem por si mesmo qualquer interesse em Deus. O ateísmo está presente seminal e fundamentalmente em todos os seres humanos. A inclinação da natureza pecaminosa de todos os seres humanos os leva a pensar na inexistência de Deus e a ignorá-lo. O câncer do ateísmo infectou todos os membros da raça humana. Ele é como um veneno que causa a infecção generalizada em todos aqueles que ainda não foram atingidos pela graça reveladora de Deus. Somente a bondade de Deus é que pode livrar os seres humanos dessa enfermidade maldita. Todos os seres humanos, em alguma medida, foram mordidos pela serpente do ateísmo. Por isso diz deles o escritor bíblico: "Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus" (Rm 3.10, 11).

Ninguém busca a Deus como sua regra, como seu fim, como sua alegria, que é um débito que a criatura naturalmente tem para com Deus. Ninguém deseja comunhão com Deus. mas a alegria do ateu está em algo inferior a Deus; ele prefere tudo antes que o próprio

44

#### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

Deus, e glorifica tudo acima dele ... Ele ama a sua própria imundície antes que a santidade de Deus; suas ações são tingidas com o seu próprio eu e vazias daquele respeito que é devido a Deus."

#### e. A INEVITABILIDADE DO ATEÍSMO

Nenhum ser humano escapa de alguma espécie de ateísmo, mesmo que disfarçadamente. Por ateísmo, não me refiro aqui ao ateísmo clássico dos séculos XVIII e XIX, produto do racionalismo iluminista, mas da indisposição espiritual que há no homem, por causa da Queda, tentando negar tudo quanto tem a ver com Deus. Temos que nos lembrar que essa inevitabilidade não se deve à natureza constitucional do homem (pois esta o leva à ideia de que Deus existe), mas à sua natureza pecaminosa. O pensamento da inexistência de Deus é uma inclinação pecaminosamente voluntária.

Geralmente, o ateísmo é secreto e quase nunca confessado.

#### d. Tipos DE ATEÍSMO

O ateísmo têm várias formas de manifestação. Para os nossos propósitos didáticos, discutiremos apenas as duas mais importantes, porque abrangem todas as outras formas. Dividiremos os ateus em duas categorias: ateus teóricos e ateus práticos.

##### d.1. Ateus Teóricos

Os que negam a existência de Deus, mas têm um nível intelectual mais elevado; a existência da cosmovisão iluminista desde o

século XVIII. O racionalismo alemão produziu muitos homens e mulheres que ficaram avessos à ideia da existência de Deus. Eles usam argumentos racionais para justificar a sua negação de Deus. Estes ateus são também chamados de "ateus dogmáticos", pois negam que haja um Ser divino. Eles afirmam categoricamente que Deus não existe. Diz Berkhof:

Essa afirmação significará uma de duas coisas: Que não reconhece Deus de espécie alguma, nem levanta ídolos para si mesmo, ou que não reconhece o Deus da Bíblia. Existem na realidade, se é que os há, muito poucos ateus que não criem alguma espécie de Deus para si mesmos. Há um número muito grande que teoricamente recusa toda espécie de Deus e, todavia, há outro número muito maior que não quer nada com o Deus da Bíblia.<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Stephen Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, 2 vols. (Grand Rapids: Baker, 1990), vol. I, 91. Berkhof, *Teologia Sistemática*. 24.

#### A EXISTÊNCIA DE Deus

45

O ateísmo não é natural no homem, mas é produto de sua natureza pecaminosa. O ateísmo nasce de uma rebelião do coração que procura fugir da ideia de dobrar-se diante de alguém superior.

Contudo, o ateísmo não é produto unicamente destes últimos dois séculos de nossa história, mas é muito antigo. Não é de hoje que o homem tem negado a existência de Deus. O salmista faz referência a pessoas que fizeram isso desde tempos imemoriais. O Salmo 14.1 afirma: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus".

Este salmo trata da corrupção das faculdades da alma humana que já não funcionam da mesma maneira como antes da Queda. Por causa de seus raciocínios falazes, o ser humano chega a dizer o que está transcrito acima. Analisemos o verso:

"Insensato" é um termo usado para descrever o ímpio. O insensato é aquele que perdeu a sua sabedoria, a noção correta dos valores espirituais que foram comunicados ao homem na sua criação. Essa perda de valores é devida ao uso incorreto da razão humana que, por sua vez, é produto da corrupção do ser mais interior, o coração. A sua insensatez está vinculada à sua negação da existência de Deus. É uma grande estultícia negar a Deus.

De fato, o ateu é um grande tolo. Se não fosse um tolo, não imaginaria urna coisa tão contrária ao que todo mundo crê. A ideia da divindade está tão claramente impressa na alma humana que não pode ser ignorada. Deus não pode ser compreendido na sua essência, mas não se pode negar a sua existência, sem que seja através de um processo de raciocínio falaz e perverso. De fato o ateu é um grande tolo, pois o próprio diabo crê na existência de Deus e treme (Tg 2.19).

"Diz no seu coração" - É possível que o autor do salmo tenha mencionado o .. coração" porque, na sua mentalidade hebraica, o coração é o centro da personalidade humana. Do coração procedem todas as inclinações morais do homem. Todos os homens têm algum tipo de ateísmo secreto no coração, que é a fonte de todos os males na sua vida. Observe que o ímpio não disse com a boca, mas tratase de um movimento do coração, algo secreto. Ele cogita secretamente sobre a não-existência de Deus. Por causa da sua natureza depravada, nenhum homem está livre de ter pensamentos sobre a negação da existência de Deus. O pensamento da inexistência de Deus já passou pelo coração de todos os mortais alguma vez, justamente por causa da pecaminosidade que permeia o coração humano. Na sua natureza pecaminosa o homem sempre desejou que não houvesse Deus. O homem não pode apagar a ideia de Deus do coração, pois Deus a implantou, mas ele tenta convencer-se de que Deus não existe.

46

o SER DE DEUS E os Sws Armmrros

"Não há Deus" - Esta é a afirmação categórica de todo ateu teórico, freqüentemente o produto de um raciocínio falaz e enganoso. Fazer essa afirmação categoricamente é lutar contra a natureza constitucional do ser humano, em quem foi implantado o semen religionis e o sensus divinitatis. Essa afirmação revela o impulso da natureza pecaminosa que tenta evadir-se de Deus.

A negação de Deus é uma manifestação da decisão de Adão de esconder-se de Deus, como produto ela sua transgressão. Adão sabia que Deus existia, mas procurou fugir ela sua presença, em meio ao medo e à vergonha. Por causa ele seus pecados é que os descendentes ele Adão, por um processo falaz ele suas mentes, tentam eliminar Deus de seus corações. A negação de Deus é um meio de esconder-se dele; é um meio de procrastinar o encontro com Deus; é um meio de suprimir o conhecimento ele Deus, que é parte ela herança da nossa constituição original e

da observação das obras da natureza. Mesmo com toda a sua argumentação cheia ele falácia, o ateu não pode fugir elo conhecimento ele Deus, porque a sua preocupação maior é Deus. A ideia ela existência de Deus o incomoda e, por isso, é o assunto ele que mais fala. Ele vive tentando provar para si mesmo o contrário daquilo que está impresso em sua alma: a consciência ela existência de Deus. É inevitável a ideia de Deus na alma humana. Mesmo os ateus teóricos dificilmente conseguem evadir-se dela! Todavia, a sua Juta desesperada é provar para si próprios e para os outros que Deus não existe.

Quando os ateus teóricos afirmam que "não há Deus", eles estão mostrando o desejo pecaminoso da autonomia humana. Eles tentam mostrar que se bastam a si próprios. Não aceitam a ingerência de nenhum soberano sobre eles. A monarquia divina é-lhes algo absolutamente detestável. Eles preferem a democracia onde Deus fica de fora das suas decisões. Em alguns círculos, a democracia tem sido para os ateus um elemento que favorece o ateísmo. Afinal de contas, eles preferem escolher o seu próprio destino sem possuir alguém que esteja no controle do universo e da história.

#### d.2. Ateus Práticos

Este é o tipo mais comum de ateísmo. Ele é produto do estado corrompido elo ser humano. O ateísmo prático sempre foi uma tônica no mundo. Aliás, a única vez no Novo Testamento em que a palavra grega ateus (que literalmente significa "sem Deus") aparece tem a ver com o ateísmo prático. Paulo está se dirigindo aos gentios que não haviam sido participantes de vários aspectos soteriológicos de que os judeus participavam. Então, lhes diz:

Ef 2.12 ~ "Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e

## A EXISTÊNCIA DE DEUS

47

estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem. Deus (atheoi) no mundo."

Esta expressão grega atheoi ("sem Deus") pode ser dita de todos os indivíduos que andam em incredulidade, mas o que Paulo está dizendo é mais do que isso: os crentes de Éfeso, no seu passado de incredulidade, viveram como ateus práticos. Os ateus J2I<ític:Qs nã\_Q\_ negam nf.ç\_~~sar:i11mente a existência de Deus com suas\_p\_alavras, mas vivem como se Deus não existisse. Assim viviam os gentios a quem Paulo escreveu, antes de eles serem trazidos a Cristo Jesus. A palavra atheoi indicava o modus vivendi das pessoas. Mesmo que não negassem abertamente a existência de Deus, eles se portavam de modo que ignoravam o verdadeiro Deus. Não possuíam nenhum senso de reverência por ele, nem lhe prestavam culto. Esse era o mais profundo estado de miséria em que viviam os pagãos: se não afirmavam a inexistência de Deus, eles simplesmente não davam a mínima importância para a sua existência. Viviam sem Deus neste mundo. Deus não entrava nos seus planos.

De maneira muito sábia, o salmista mostra qual era o comportamento elos ateus práticos já no seu tempo:

Sl 10.4 - "O perverso na sua soberba não investiga; que não há Deus, são todas as suas cogitações."

Este verso não está dizendo necessariamente que os perversos não admitem a existência de um Deus, mas que Deus não está no pensamento deles. Vivem alienados como se não houvesse Deus. Aqueles que não têm Deus nos seus pensamentos obviamente não o reconhecem. Eles simplesmente o ignoram. E onde Deus não é honrado, ele não é reconhecido. O ateísmo prático evidenciase no fato de o ser humano esquecer-se de Deus, como se ele não existisse.

Tt 1.16 - "No tocante a Deus, professam conhecê-lo, entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra."

Os seus atos falam mais alto do que as suas palavras. Nesse caso, o homem deve ser medido mais pelo que faz do que pelo que diz. Todas as impiedades que comete são ramos do ateísmo nascido na depravação do coração. Todas as pestilências espirituais são expressões de um sangue contaminado, porque este sangue é bombeado do coração e atinge todas as veias do ser humano. Essa infecção generalizada, ou septicemia espiritual, impossibilita o homem de reagir positivamente, e de fazer boas obras.

As más obras dos homens são o resultado da sua negação prática de Deus. A

48

o SER DE DEUS E os SEUS ATRIBUTOS

profissão que muitos fazem de Deus não combina com a sua prática. Isso é ateísmo prático: negam a Deus por suas obras.

Ef 2.12 - "Naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo."

O ateu prático vive como se fosse o dono do mundo, sem qualquer conotação espiritual, ausente de Deus, por isso sem esperança. Muitos homens tentam viver sem Deus neste mundo, como se não devessem nada a Deus, como se nunca fossem prestar contas a ninguém.

Os ateus práticos também podem não crer nas ações de Deus no mundo (Sl 10.11, 13), revelando o seu deísmo. Aqueles que negam os atos providenciais de Deus ou qualquer outro de seus atributos essenciais negam também a sua existência.

e. CONSEQÜÊNCIAS DO ATEÍSMO TEÓRICO

Quando os homens negam a existência de Deus, o seu comportamento tem algumas conseqüências inevitáveis:

e. I. Os Ateus Ficam sem Padrões Éticos Confiáveis

Friedrich Nietzsche foi um filósofo que criticou violentamente a moral cristã. Ele atribuiu as raízes da decadência da sociedade do seu tempo à "moralidade escrava" gerada pelo cristianismo.<sup>42</sup> Na mentalidade de Nietzsche, "não há nenhum Deus que proteja o fraco e dê segurança à justiça, mas o homem ainda reivindica que ele existe, fazendo com que a fraqueza pareça ser algo abençoado. Mas visto que Deus realmente não existe, por que deveriam a

fraqueza e a mansidão ser aplaudidas?"<sup>43</sup> Essa é outra maneira de Nietzsche dizer o que Dostoyevski disse: "Se não há Deus algum, tudo é permitido!"<sup>44</sup> A conclusão dos seguidores dessa filosofia chega a este ponto: "Se Deus existe, tudo é sua vontade e de sua vontade eu não posso escapar. Se ele não existe, tudo é minha vontade e eu estou amarrado a mostrar somente a minha vontade".<sup>45</sup>

#### e.2. Os Ateus Criam a Ética da Independência Moral

Esta é uma consequência lógica do primeiro ponto. A crença na inexistência

"R. C Sproul. I/There 'is' a God. Where there /isn't? (Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1988). 131. 4' Ibid .. 132.

H Ibid.

41 Paul Roubiczek, Existentialism For and Against (Cambridge: Cambridge University Press, 1964 ), 32.

### A EXISTÊNCIA DE DEUS

49

de Deus causa no homem a libertinagem moral. Nada é pecado porque não existem paradigmas fora do próprio homem que exijam dele um comportamento padrão. Quando não há padrões objetivos ou valores estabelecidos, os homens criam os seus próprios. Para os ateus é uma loucura dar ouvidos senão às suas próprias regras. O sonho dos ateus é ficarem livres de Deus. A autonomia moral é o resultado do seu ateísmo. Eles raciocinam que se Deus existe, eles não podem servir de lei para si mesmos. Só a ideia da existência de Deus já atrapalha o sonho da autonomia ou da independência moral.

#### e.3. Os Ateus Cultuam a si Mesmos

Como não é possível constitucionalmente que os seres humanos fiquem sem o fenômeno do "sensus divinitatis", pois isso está impregnado em sua alma, ao não aceitarem alguém superior fora deles mesmos, os ateus atuam como deuses para si próprios, pois formam as suas próprias regras e seguem os seus próprios ditames. Curvam-se diante de sua própria autoridade.

#### e.4. Os Ateus Caem em Grande Impiedade

Quando o homem insensato diz em seu coração "Não há Deus", porque não tem lei, servindo de padrão para si mesmo, ele cai em impiedade. É por isso que o Salmo 14.1 continua: "Corrompem-se e praticam abominação". Quando os ateus ignoram alguém que lhes é superior, quando procuram por independência moral, quando acabam cultuando a si mesmos, eles caem em impiedade ainda maior. Sua vida é cheia de corrupção e praticam abominação. O salmista diz que

Sl 14.3 - "Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer."

Eles perdem os escrúpulos e saem em busca da luxúria, porque não têm que prestar contas a ninguém.

· O ateu não procura a Deus como sua regra de vida, como sua norma, como o seu fim, como sua alegria, como um débito que a criatura naturalmente tem com o seu Criador.

- O ateu não deseja nenhuma comunhão com Deus.
- O ateu coloca a sua alegria em um objeto inferior; ele prefere qualquer outra coisa que não Deus; ele glorifica qualquer outra coisa acima de Deus.
- O ateu não possui desejo algum de conhecer a Deus; ele ama a sua própria impureza ao invés de amar a santidade de Deus.

Todos os pecados são fundados numa espécie ele ateísmo secreto. O ateísmo

50

o SER DE DEUS E os Seus Armauros

é o espírito de todo o pecado. Todos os dilúvios de impiedade no mundo são nascidos no berço do ateísmo secreto. A grande variedade de pecados contra a primeira e a segunda tábuas da lei, as negligências para com Deus e as violências contra os homens, são derivadas, em última instância, da frase dita secretamente, no coração: "Não há Deus" (Sl 14.1). É por isso que o verso continua, dizendo: "Corrompem-se e praticam abominação".

#### f. CONSEQÜÊNCIAS DO ATEÍSMO PRÁTICO

##### f.1. Todos os Pecados São Fundamentados Nesse Ateísmo

Na verdade, todos os pecados, em última análise, nascem do ateísmo secreto das pessoas. Geralmente o ateu prático é um ateu secreto. Ele nunca fala do seu ateísmo. Seu ateísmo é bem escondido. Todavia, cada pecado praticado por ele contra a primeira e a segunda tábuas da lei tem a ver com o esquecimento de Deus e o desprezo para com ele, em última instância. Se o ateu prático tivesse o temor de Deus, não praticaria o mal (Pv 16.6b). Se não nega a Deus com os lábios, ele curte no seu coração o desprezo para com Deus, pois não se cansa de imaginar coisas más e de maquinar o mal. Por algum tempo ele pode ser visto como um crente, enquanto consegue esconder os intentos do seu coração.

Aliás, a única maneira de o ateu prático esconder o seu ateísmo é viver de maneira hipócrita, se não quer ser reconhecido como ateu. Todavia, ele não pode esconder o seu ateísmo por muito tempo. Essa é a tônica do ponto seguinte.

##### f.2. Os Seus Atos Acabam por Negar as Suas Palavras

O testemunho das suas obras nega as suas palavras. Eles podem até professar que conhecem a Deus, mas são contrariados pelos seus atos. O que foi dito aos ímpios por Paulo pode ser dito a todos os ateus práticos: "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra" (Tt 1.16). Os ímpios podem até fazer profissão de fé, mas tropeçam naquilo que eles próprios condenam. Nesse caso, a boca não fala o que está cheio o coração, mas as suas obras

falam daquilo que vai dentro do coração, pois Paulo diz: "Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas" (Tt 1.15). Essas pessoas podem ser chamadas de ateus práticos.

No final das contas, os ateus práticos mostram o seu ateísmo secreto porque todas as coisas que estão no coração ímpio acabam se evidenciando em obras, mesmo que a boca professe o contrário.

## A EXISTÊNCIA DE DEUS

51

### f.3. Todo Pecado Destrói a Ideia de Deus

Quanto mais o ateu prático ignora a Deus ou vive como se ele não existisse, mais ele banir de seu coração a ideia do verdadeiro Deus.

Todo pecado é uma espécie de amaldiçoar a Deus no coração. O homem tenta destruir e banir Deus do coração, não realmente, mas virtualmente; não na intenção consciente de cada pecador, mas na natureza de cada pecado."

Não há nada mais que o ateu prático deseje do que banir a ideia de Deus da sua mente. É contra a natureza do homem fazer isso, mas não é contra a sua natureza pecaminosa. Embora o ateu prático não faça isso abertamente, todavia, esse é o desejo contínuo do seu mais interior, o coração. As Escrituras dizem acerca do ímpio que Deus viu "que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5). As Escrituras dizem que Deus revelou-se aos homens, desde o princípio, através das coisas que foram criadas e que desde o princípio ele foi conhecido dos homens. Todavia, os homens ímpios, os ateus práticos, rejeitaram o modo como Deus se deu a conhecer. Ao invés de terem os pensamentos de Deus a respeito de si mesmo, eles suprimiram o conhecimento de Deus e trocaram a verdade de Deus pela injustiça deles próprios (analise Rm 1.18-32). Então, Paulo diz: "Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente" (Rm 1.25). Percebam, eles negaram a ideia de Deus que o próprio Deus lhes havia dado na criação e, sem poderem negar a sua própria natureza, continuaram a ser seres adoradores. Que fizeram? Prestaram culto à criatura ao invés de prestá-lo ao Criador. Desde a queda, a tentativa dos seres humanos, segundo a sua natureza pecaminosa, é banir o Deus verdadeiro de suas mentes. Isso eles podem conseguir, mas nunca banirão delas a ideia do Divino.

### f.4. Todo Pecado Aponta para Deus como um Ser Tolo

Com que base faço essa afirmação? Os seres humanos que são ateus práticos desobedecem as leis de Deus, fazem atos contrários a elas. Certamente é porque pensam, que as leis que criam para si mesmos são melhores que as de Deus. Em última instância, eles pensam que as leis de Deus são tolas e que é tolice levá-las em conta.

A moral dos ateus práticos, em sua estimativa, é melhor que a de Deus. Se eles considerassem melhor a lei de Deus, eles a seguiriam. Eles não são faltos de inteligência. Ao contrário, a sua inteligência é aguçada, mas esta não é simples-

'6 Charnock, The Existence and the Attributes of Coei, vol. I. 93.

52

#### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

mente uma questão de inteligência. Eles têm indisposição real contra Deus e, conseqüentemente, contra as suas leis. Por isso, desprezam o que Deus faz e diz, preferindo o que fazem e achando que são melhores e mais inteligentes do que Deus. Especialmente o Deus das Escrituras é odiado e considerado tolo por eles. Se o considerassem inteligente, santo, sábio, poderoso, etc., não fariam com as suas leis o que fazem. No íntimo, eles não acreditam no Deus das Escrituras e, por isso, desprezam as suas leis. Se não o achassem tolo, criariam nele e obedeceriam as suas palavras.

g. JULGAMENTO SOBRE O ATEÍSMO PRÁTICO g.1. Ele é Pior que a Idolatria

É verdade que a idolatria é condenada veementemente nas Escrituras, porque ela muda a glória do Deus incorruptível em imagem de seres corruptíveis (Rm 1.23), mas pelo menos mostra que o indivíduo crê nalguma coisa que ele pensa ser superior a ele. Ele adora a criatura, porém se coloca numa posição inferior.

Mas não é assim com o ateu. Ele ignora um ser superior a ele. O orgulho do seu coração impede que ele se curve diante do Todo-Poderoso, muito embora até não negue a sua existência. Ele até consente que Deus existe, mas ignora-o.

g.2. Ele é Pior que o Ateísmo Teórico

É melhor negar a sua existência do que negar as suas perfeições. É menos mau pensar que ele não existe do que saber que ele existe e ignorá-lo. É menos mau não pensar nada a respeito de Deus do que, Deus existindo, viver como se ele não existisse. É nesse sentido que eles "vivem sem Deus no mundo". É o desprezo de Deus, mesmo sabendo que ele existe.

h. ADVERTÊNCIA CONTRA O ATEÍSMO EM NÓS

Cuidemos para que o ateísmo não se manifeste em nossas atitudes interiores. Se há qualquer raiz de ateísmo em nosso coração, duvidando de Deus e de sua existência, de sua providência, repreendamos a nós mesmos com a Palavra do próprio Deus que está em nós. Oremos a Deus para que ele nos tire do coração todo sentimento de ateísmo prático.

Consideremos quão triste é ter manifestações de ateísmo no coração! Vejamos quão ingratos somos quando isso acontece.

Tenhamos cuidado para que o solo do nosso coração não seja propício para o surgimento de qualquer dúvida sobre Deus. Leiamos a sua Palavra, tenhamos

A EXISTÊNCIA DE DEUS

53

o desejo de conhecê-lo melhor e nos certifiquemos de sua bondosa providência em nossa vida. Não demos lugar ao Diabo nos nossos pensamentos e evitemos as ideias ímpias.

A existência de Deus não é negada simplesmente no ateísmo, seja teórico ou prático, mas também em um outro movimento que permeou a vida da igreja desde o nascimento do movimento racionalista, ou seja, no deísmo."?

## 2. A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NO DEÍSMO

Há, contudo, os que negam não a existência de divindades, mas a ação do Deus da Bíblia, negando aquilo que a Bíblia afirma sobre ele. Eles podem ser chamados de deístas. Teoricamente, os deístas não negam a existência de Deus, mas chegam a duvidar de sua existência pela simples razão de que ele não se comunica com o universo criado. Portanto, mesmo não negando abertamente a sua existência, eles negam o exercício de suas atividades em nosso mundo. Ora, sem sua atividade, nada se pode saber dele, se é que ele existe. Esse é o pensamento do deísta.

### UM DEUS TRANSCENDENTE E IMPESSOAL

O teísmo sempre tem crido em um Deus que é ao mesmo tempo transcendente e imanente, mas tem havido, na história do pensamento religioso, outros movimentos que fogem totalmente desse teísmo.

Em contraste com o teísmo, o deísmo retira Deus do mundo e afirma a sua transcendência a expensas da sua imanência. O deísmo é um sistema que rejeita toda espécie de revelação divina. Deus não se comunica com os homens. O mundo é como um relógio ao qual ele deu corda e deixou funcionar. Os deístas, contudo, acreditam em Deus, considerando-o apenas como uma força infinita, a causa de todos os fenômenos do universo. Não há qualquer conceito relacional de Deus com a criatura. Deus, portanto, não é um ser pessoal. Ora, se o deísmo nega o que é essencial em Deus - a sua capacidade relacional -, ele nega o seu próprio ser.

No mínimo, pode-se dizer que o deísmo nega o Deus transcendente e imanente das Escrituras, que, ao mesmo tempo que está acima e além do universo criado, envolve-se relacionalmente com ele.

"7 O termo "deísmo" vem da palavra latina deus, que é correspondente à palavra grega theos, Deus. Esse sistema reconhece que há um Deus, mas nega qualquer envolvimento dele com o universo. Esse Deus criou o mundo, colocou-o em movimento e não mais interfere nele. Deus é o Criador, mas não o Sustentador do universo. O deísmo rejeita as Escrituras e a atuação sobrenatural e providencial de Deus no mundo.

54

## O SER DE DEUS E SEUS ATRIBUTOS

### 3. A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NO PANTEÍSMO UM DEUS IMANENTE E IMPESSOAL

O panteísmo caminhou em direção contrária. Ele enfatizou tanto a imanência de Deus a ponto de identificar Deus com o mundo e de negar-se a reconhecê-lo como Ser Divino pessoal, dotado de inteligência e vontade, distinto de sua criação e infinitamente superior a ela.

Há uma enorme diferença de conceito, na relação entre Deus e a natureza, no teísmo e no panteísmo. Millard Erickson diz que

No teísmo, a natureza sem Deus é igual a nada, e Deus pode viver perfeitamente sem a natureza. No panteísmo, a natureza sem Deus também não é nada, mas Deus sem a natureza também não é nada. Deus não tem um status de independência no panteísmo. A criação do teísmo não tem lugar no esquema panteísta, visto que, de acordo com o panteísmo, Deus não pode ter existido antes da criação da ordem natural."

A existência do verdadeiro Deus é claramente negada pelo panteísmo. Deus não passa daquilo que nós reconhecemos que ele criou. Ele é confundido com a criação e sua infinidade não vai além da infinidade do universo. Deus e o universo são uma coisa só. Para dizer de outra forma, o universo é a extensão de Deus. Deus é um só no pensamento panteísta, mas ele perde totalmente a sua característica pessoal, porque não é separado, mas idêntico com a natureza. Não existe relação entre Deus e o universo porque os dois são uma coisa só. Deus não pensa, não sente, não tem vontade. Ele é destituído de todas as propriedades de um ser pessoal. Crer num Deus assim é negar tudo o que é verdadeiro e absolutamente sagrado. Afirmar as coisas que os panteístas afirmam é negar a existência da Divindade e, especialmente, a do Deus verdadeiro.

#### 4. A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NO POLITEÍSMO UM DEUS FINITO E PESSOAL

A ideia de um ou mais deuses finitos não é nova; é tão antiga quanto o politeísmo ou o henoteísmo (a crença preferencial em um Deus, sem deixar de crer nos demais deuses).<sup>49</sup> Todos os politeístas possuem a ideia de um Deus pessoal, mas finito, pois existem vários deuses e não pode haver vários infinitos, o que seria uma contradição de termos. Embora finitos, esses deuses passam a ser pessoais, o que distingue o politeísmo do panteísmo. Eles tornam nomes e

•' Erickson. Christian Theology, 303. "' Berkhof, Teologia Sistemática. 25

#### A EXISTÊNCIA DE DEUS

55

possuem certos poderes pessoais, mas todos os poderes lhes são concedidos pelos que os imaginaram. Logo, os homens, que são finitos, apenas conseguiram atribuir aos deuses, em medida bem maior, alguns poderes que eles próprios possuíam em alguma medida.

Tanto os panteístas como os politeístas negam a existência do Deus das Escrituras, que afirma categoricamente que não existem outros deuses além de si mesmo. Mesmo que os henoteístas afirmem a existência de um deus maior, ou preferencial, a tendência é sempre a ele negar o Deus das Escrituras Sagradas.

#### ÍNDICE

#### CAPÍTULO 2 - O DEUS CONHECÍVEL

- A. A Afirmação do Conhecimento do Deus das Escrituras 57
  - 1. O Conhecimento de Deus Pressupõe Revelação 57
    - a. Conhecimento Inato 58
      - a.1. O Conhecimento Inato de Deus É Intuitivo, e não um Produto Elaborado pela Alma Humana 58
      - a.2. O Conhecimento Inato de Deus Tem a Ver Principalmente com a Constituição da Mente Humana .. .. . 59
      - a.3. O Conhecimento Inato de Deus É Provado pelas Leis Morais que Ele Implantou em Nosso Ser Interior 60
      - a.4. O Conhecimento Inato É Espontâneo, mas não "Consciente" 60
      - a.5. O Conhecimento Inato É Conhecimento de Resposta 61
      - a.6. O Conhecimento Inato Favorece a "Teologia Natural"..... .. 61
      - a. 7. O Conhecimento Inato É Corrompido pelo Pecado .. 61
      - a.8. Conhecimento Responsabilizador .. 62
      - a.9. Conhecimento Universal . 62
    - b. Conhecimento Adquirido 63
      - b.1. Conhecimento Limitado 63
      - b.2. Conhecimento de Reflexão 63
      - b.3. Conhecimento de Acomodação 64
      - b.4. Conhecimento Correlativo 64
- B. A Negação do Conhecimento do Deus das Escrituras 65
  - 1. O Homem só Conhece por Analogia 66
  - 2. O Homem Realmente Conhece Aquilo que Ele Pode Abarcar na Sua Totalidade 66
  - 3. Todas as Afirmações que se Fazem de Deus São Negativas e, Portanto, não Proporcionam um Conhecimento Verdadeiro 67
  - 4. Todo o Nosso Conhecimento Está Relacionado com o Sujeito Investigador 67

## CAPÍTULO 2

### O DEUS CONHECÍVEL

No capítulo primeiro deste livro consideramos a ideia da existência de Deus. Neste capítulo trataremos da possibilidade de Deus ser conhecido. Todavia, a despeito desse conhecimento possível, Deus não pode ser compreendido, como veremos no capítulo seguinte. Essas duas coisas são perfeitamente plausíveis, embora aparentemente se contradigam. Dizer que Deus é conhecível significa que, embora incompreensível, algum

conhecimento dele é possível, e esse conhecimento pode crescer cada vez mais, segundo a medida da revelação divina e do nosso relacionamento com ele.

As Escrituras nos revelam quem é o verdadeiro Deus, e o nosso conhecimento dele é básico para o conhecimento de nós mesmos, como veremos posteriormente.

#### A. A AFIRMAÇÃO DO CONHECIMENTO DO DEUS DAS ESCRITURAS

##### 1. O CONHECIMENTO DE DEUS PRESSUPÕE REVELAÇÃO

O conhecimento de Deus pressupõe inquestionavelmente o fato de Deus se revelar. É impossível qualquer conhecimento dele sem que ele se revele. Se Deus não se revelasse, por causa de sua natureza infinita e majestosa jamais poderíamos ter qualquer conhecimento dele. Ele se desnudou a fim de que os seres humanos pudessem conhecê-lo. Os seres humanos ficariam totalmente ignorantes de Deus se este se ensimesmasse. A mente humana, embora tenha o *sensus divinitatis*, não pode conceber Deus, a menos que ele se revele. Os seres humanos jamais poderiam emitir qualquer conceito sobre Deus se não fossem impactados pelas obras da natureza, que são uma revelação muda, ou pela revelação verbal.

Deus criou todos os homens com a capacidade de conhecê-lo, mas teve que

58

#### O SER DE DEUS E OS SEUS ATRIBUTOS

se lhes revelar de várias formas. A fim de que os seres humanos pudessem conhecer a Deus, este não somente deu-lhes um conhecimento que está impresso na sua própria constituição natural, como também um conhecimento que vem através das obras da criação e da sua condução da história, e também o conhecimento derivado da revelação especial, a revelação verbal, que está registrada nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.

Todo conhecimento que o homem tem vem de fora. Não há nenhum conhecimento que seja inerente ao ser humano. Portanto, há um sentido em que todo o conhecimento é adquirido. Somente a capacidade de conhecer é inata. Todavia, como veremos adiante, o conhecimento de Deus no homem pode vir através da revelação geral (que está mais vinculada ao que se chama tradicionalmente de conhecimento inato) e da revelação verbal (que está mais vinculada ao que se chama tradicionalmente de conhecimento adquirido).

##### a. CONHECIMENTO INATO

Este conhecimento tem a ver com o conhecimento a priori (o *semen religionis* e o *sensus divinitatis*, já estudados anteriormente), que não tem nada a ver com a revelação verbal de Deus.

A palavra "inato" indica a procedência do conhecimento, que é a nossa natureza. Nascemos com esse conhecimento. Entre os protestantes escolásticos, esse conhecimento é chamado *cognitio insita* (conhecimento implantado) que está vinculado ao que Calvino chama de *semen religionis*.

##### a. I. O Conhecimento Inato de Deus É Intuitivo, e não um Produto Elaborado pela Alma Humana

O conhecimento inato também é chamado de "conhecimento intuitivo", pois repousa na apreensão imediata das coisas, sem que haja um processo de raciocínio de premissas e conclusões. Todos os nossos sentidos são percepções ou intuições. Podemos apreender muitas coisas imediatamente, isto é, sem o uso de meios, mas nunca podemos expressar qualquer conhecimento de Deus sem a sua prévia revelação. Quando somos estimulados pelas obras da criação, todo o nosso conhecimento intuitivo vem à tona. Percebemos as verdades e as realidades com uma convicção intuitiva. Podemos até tirar conclusões erradas, por causa da corrupção do nosso ser interior, mas há uma certa percepção da verdade dentro de nós, produto do modo como Deus nos fez constitutivamente.

Este conhecimento não significa que o ser humano, ao ser concebido, já

<sup>19</sup> Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker, 1986), 70.